

A saúde mental de mulheres imigrantes na universidade

Alisson Vinícius Silva Ferreira
Vitoria Nathalia do Nascimento
Lucienne Martins Borges

RESUMO

A migração feminina é um fenômeno que acompanha as diversas transformações históricas da humanidade. Em tempos de globalização e busca de autonomia via formação educativa de Ensino Superior, é relevante refletir sobre a inclusão e permanência dessas imigrantes no contexto universitário e, sobretudo, os impactos decorrentes da mudança de cultura. Sendo assim, este trabalho busca compreender os impactos psicológicos da imigração às mulheres imigrantes universitárias. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo. Participaram do estudo sete estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), oriundas de quatro países da América Latina: Colômbia, Haiti, Venezuela e Uruguai. Para coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada e um formulário sociodemográfico intercultural. As entrevistas foram analisadas seguindo as premissas da técnica da Análise de Conteúdo, e como principais resultados foram identificados: “experiências de violências e discriminações”, formas de “expressão de sofrimento” e possibilidade de “emancipação feminina na imigração universitária”. O estudo corrobora a importância de políticas institucionais no campo pedagógico, social e psicológico sensíveis às experiências migratórias das imigrantes universitárias.

Palavras-chave: Imigração; Mobilidade estudantil; Saúde mental; Ensino Superior.

ABSTRACT

Mental health of immigrant women at the university

Female migration is a phenomenon that accompanies the various historical transformations of humanity. In times of globalization and the search for autonomy through higher education, it is relevant to reflect on the inclusion and permanence of these immigrants in the university context and, above all, the impacts resulting from the cultural transition. Therefore, this study seeks to understand the psychological impacts of immigration on college-educated immigrant women. This is a qualitative, exploratory, and descriptive study. Seven students from the Federal University of Latin American Integration (UNILA), from four Latin American countries have participated in the study: Colombia, Haiti, Venezuela, and Uruguay. For data collection, a semi-structured interview script and an intercultural sociodemographic form were used. The interviews were analyzed following the premises of the Content Analysis technique, and as main results were identified: “Experiences of violence and discrimination”; the forms of “Expression of suffering”, and the possibility of “Female emancipation in university immigration”. The study corroborates the importance of institutional policies in the pedagogical, social, and psychological fields that are sensitive to the migratory experiences of women university students.

Keywords: Immigration; Student mobility; Mental health; University education.

No presente trabalho partimos da noção de cultura como parte integrante da estrutura e economia psíquica do sujeito. Nesse sentido, é como a face externa dos processos psíquicos, como um envelope que protege e contém o sujeito do nascimento até a morte; e que torna o real suportável, na medida em que lança no simbólico a experiência ainda sem representação (Mar-

Sobre os autores

A. V. S. F.
<https://orcid.org/0000-0003-0634-6072>
Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, PR; e Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC
alisson.psferreira@gmail.com

V. N. do N.
<https://orcid.org/0000-0002-2272-3301>
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC
nascimento.vitorian@gmail.com

L. M. B.
<https://orcid.org/0000-0003-4323-116X>
Université Laval, Quebec, CA e Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC
luccienne.borges@ufsc.br

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



tins-Borges & Pocreau, 2009; Moro, 2015). De acordo com Tobie Nathan (1994), a cultura pode ser compreendida como um “mapa mental”, que permite ao sujeito se localizar no mundo, dar sentido às suas experiências e viver evitando o medo e a perplexidade. Engloba uma língua, um sistema de parentesco, técnicas de cuidado e modos de ser e fazer, fornecendo possibilidades de “decodificar” o real (Moro, 2015). Logo, a partir do referencial teórico da Etnopsiquiatria/Etnopsicanálise, a cultura é uma dimensão indispensável para se compreender a constituição do sujeito e, portanto, compreender a expressão do sofrimento psíquico e as diferentes maneiras de torná-lo suportável (Devereux, 1973).

Já o sofrimento psíquico pode ser concebido sobre o viés da psicanálise como um discurso dotado de significado que tem o objetivo de tentar sanar o desequilíbrio no permanente conflito entre as necessidades de satisfações pulsionais e as exigências da realidade. Portanto, sobre esta concepção, o sofrimento psíquico simboliza a relação do sujeito com o desamparo constitutivo, pelo qual se tem a cultura como uma possibilidade de laço social que atenua tal desamparo (Freud, 1930/2006).

Por sua vez, migrar, ou seja, cruzar fronteiras territoriais e culturais, implica muito mais que um simples deslocamento geográfico; exige ao sujeito confrontar-se com novas concepções sobre o mundo e sobre si. Se antes, no contexto cultural de origem, havia um grau de familiaridade com os códigos culturais e, consequentemente, a cultura poderia desempenhar um papel protetivo, diante do afastamento migratório, a coerência e as estratégias de defesa podem se tornar menos eficazes, frente ao estranhamento com a nova realidade (Martins-Borges et al., 2019). Assim, o processo migratório e o encontro intercultural podem gerar impactos psicológicos, desencadeado pela perda de elementos de proteção psíquica, como o ambiente cultural, a rede de apoio social, o *status* social anterior à imigração, a expressão em língua materna etc. Deste modo, o migrante passa a necessitar de uma reorganização psíquica devido à nova realidade cultural que lhe exigirá “re-conhecimento” de si enquanto estranho ao outro e estranho a si mesmo (Silva-Ferreira, 2019).

Esta aculturação, ou seja, as mudanças ocorridas após o contato intercultural, produzem impactos, também, nas concepções culturais de gênero, ao possibilitar o encontro com novos significados culturais do que é “ser homem” e “ser mulher” (Alencar-Rodrigues & Strey, 2010). Cabe ressaltar, aqui, que as características sexuais anatômicas não representam por si só as diferenças de gênero, mas, adicionado a isto, o modo como elas são interpretadas, representadas e valorizadas culturalmente é o que vai designar o que é feminino ou masculino num dado momento histórico (Alencar-Rodrigues & Strey, 2010; Kehl, 2016).

No caso das mulheres nos processos migratórios, a lite-

ratura tem apontado que, historicamente, há uma invisibilização dessas nas pesquisas sobre o tema (Assis, 2017). Desde a década de 1960, embora quantitativamente as mulheres representem quase metade dos(as) migrantes internacionais, na análise social das migrações, o gênero “neutro” masculino era considerado suficiente para representar todos os imigrantes (Dutra, 2017). Atualmente, com a definição da “feminização das migrações”, evidencia-se não só o aumento numérico das mulheres nos fluxos migratórios, como também novos critérios analíticos, conjuntamente com a transformação do perfil da mulher migrante (Dutra, 2017), como por exemplo, a busca de autonomia propiciado pela experiência de cursar uma graduação em uma universidade estrangeira (Silva-Ferreira, 2019).

Nesse sentido e pensando inicialmente o contexto universitário federal brasileiro, vale destacar que as mulheres estão em contínua e forte ocupação do espaço universitário. Segundo a V Pesquisa do Perfil Econômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais Brasileiras, as mulheres representam maioria nas universidades federais, desde o início da pesquisa em 1996, com 51,4% do corpo discente, e se mantém, atualmente, com cerca de 54,6% do total de estudantes (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantes, 2019).

Já a respeito das imigrantes universitárias no Brasil, não foram encontrados dados que estimem sua população, visto que os levantamentos realizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) até então não levaram em consideração essa dimensão política e analítica. Segundo o INEP (2018), em 2017, o Brasil tinha 16.794 imigrantes universitários no ensino de graduação, sendo 46,3% oriundos do continente Americano. Porém, como visto, ainda englobando de forma “neutra” homens e mulheres.

Em relação ao fenômeno da imigração para fins acadêmicos, optamos na presente pesquisa pela denominação imigrante universitária, pelo fato de evidenciar a imigração na sua intersecção com o campo acadêmico. Segundo Waldman (2019), em material elaborado junto à Organização Internacional das Migrações, o migrante internacional é toda pessoa que ultrapassa as fronteiras internacionais de um país e permanece por um ano ou mais. As(os) imigrantes universitárias(os) são aquelas(es) que encontram na imigração a possibilidade de qualificação profissional e pessoal para a realização ou reconfiguração de um projeto de vida. Difere-se da(o) estudante intercambista devido o tempo de residência no país de destino e na universidade, o qual influencia na projeção de retorno ao país de origem e nos impactos referentes à adaptação a médio e a longo prazo. Desta forma, é necessário compreender que as motivações para uma mulher cursar uma graduação plena numa universidade estrangeira são permeadas por variáveis políticas, culturais, sociais, subjetivas e familiares (Silva-Ferreira, 2019).

Ao focar, inicialmente, nossas buscas em pesquisas sobre mulheres imigrantes universitárias, encontramos poucos estudos que se debruçaram sobre essa temática (Alvarado & Vargas, 2018; Arango-Gaviria, 2006; Francisco, 2019; Leiva-Olivencia, 2014; Schiavini & Souza, 2019). Segundo estes estudos, a produção científica relacionada à mulher imigrante foca na sua relação com questões econômicas, profissionais ou domésticas, mas não no acesso, permanência e autonomia possibilitada pelo ensino superior. Numa revisão do estado da arte nas bases de dados *BVS-Psi*, *Redalyc* e *EBSCO*, que buscou identificar as produções científicas sobre a saúde mental de imigrantes universitários/as entre o período de 2007 a 2016, Silva-Ferreira et al. (2019), identificaram restrita produção científica sobre o tema, principalmente brasileira. Nesta revisão apenas dois dos estudos selecionados abordavam questões de gênero, porém sem abordar a dimensão da saúde mental (Alencar-Rodrigues & Strey, 2010; González-Barea, 2008), o que apontou mais uma lacuna nos estudos.

Nas pesquisas realizadas por Alencar-Rodrigues e Strey (2010) e González-Barea (2008), diferenças nas concepções de gênero e sexualidade em cada país se configuraram como elemento do impacto cultural na imigração. Segundo o estudo de González-Barea (2008), a imigração de mulheres (e pensando ainda a imigração de estudantes que diferem dos padrões heteronormativos, a depender de cada contexto), corresponde a um movimento de rompimento com as amarras socioculturais dos países de origem e também de embate com a cultura do país de acolhimento. A autora também cita que, neste contato, algumas estudantes acabam se enclausurando junto ao próprio grupo de nacionais, evitando, assim, o contato direto com a cultura de acolhida. Pode-se presumir nas duas posturas – de embate à cultura de origem ou afastamento à cultura de acolhimento –, obstáculos na adaptação e integração da imigrante no novo contexto.

Sobre o ensino superior e a carreira profissional, Arango-Gaviria (2006) traz ideias importantes em relação à divisão sexual do trabalho, que são construídas desde a infância. Para a autora, o imaginário do “lugar” da mulher no âmbito profissional, envolve não apenas a escolha da carreira, mas também como conciliá-la à vida relacional e doméstica. Tal ponto não está descolado de elementos interseccionais, tais como raça, classe e questões socioculturais. Segundo o estudo, há diferentes condições materiais e sociais que impactam no acesso ao espaço acadêmico, no curso escolhido e na permanência na Universidade, como, por exemplo, a cor da pele, a classe social e a nacionalidade. Nesse sentido, a interseccionalidade, que consiste na interação entre categorias de alteridade dentro de determinadas relações culturais de poder (Collins & Bilge, 2021), torna-se um paradigma fundamental, uma vez que diferentes condições impactam diretamente no acesso e nos desafios enfrentados por mulheres imigrantes no contexto universitário.

Adicionado a isso, Leiva-Olivencia (2014) aponta questões enfrentadas por mulheres imigrantes como etnocentrismo acadêmico e conflitos relacionados ao contexto intercultural. Em contraponto, pesquisas também abordam as capacidades de resiliência das estudantes imigrantes para viver nesse contexto (Leiva-Olivencia, 2014; Silva-Ferreira, 2019), refletindo, inclusive, em menores índices de evasão ao serem comparadas com outros grupos de mulheres nacionais (Alvarado & Vargas, 2018). No estudo de Francisco (2019) com universitárias haitianas, destacou-se, também, a ambivalência em relação à proteção e repressão cultural; o desafio que implica “viver entre dois mundos”; os enfrentamentos das amarras culturais, principalmente familiares com relação à decisão de ir estudar fora; e os medos em relação a não cumprir os papéis de gênero culturalmente esperados.

O contexto da presente pesquisa foi a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Esta se configura como a instituição de ensino superior brasileira com maior número de imigrantes universitários, tanto entre as instituições públicas quanto entre as instituições privadas (INEP, 2018). A Universidade teve desde seu princípio, em 2010, no governo Lula, o direcionamento à vocação internacional e à integração regional dos países do hemisfério Sul, fato este que impactou diretamente na mobilidade estudantil e na internacionalização solidária no ensino superior no Brasil (Ministério da Educação, 2010). A UNILA tem ainda como características principais o ensino bilíngue (Português-Espanhol), o direcionamento político-institucional para a integração cultural, acadêmica e científica dos povos da América Latina, via a destinação de 50% das vagas de graduação para estudantes internacionais, e, ainda, o incentivo a pesquisas e biografias que tenham o paradigma decolonial.

Num levantamento realizado nos anos de 2016 e 2017, dos cerca de 1300 imigrantes universitário/as com matrícula na UNILA, 53,9% eram do sexo masculino e 47,1% do sexo feminino (Silva-Ferreira, 2019). Este dado nos permite observar o fenômeno social da feminização das migrações dentro da universidade, uma vez que as mulheres correspondiam a quase metade dos/as imigrantes universitários/as. Assim, podemos constatar que a universidade é palco da imigração feminina alicerçada pela busca de autonomia e empoderamento via formação de Ensino Superior em países estrangeiros.

Todavia, a pesquisa de Silva-Ferreira (2019) identificou, também, que apesar de a média de homens imigrantes universitários ser quase 7% maior, as mulheres imigrantes universitárias buscavam atendimento psicológico quase 30% a mais que os homens. A mesma pesquisa observou, ainda, que as mulheres buscavam mais o serviço de atenção psicológica, independentemente de serem brasileiras ou migrantes internacionais, o que remete a pensar sobre a universalidade da diferença de gênero em relação tanto a fatores de risco à saúde mental

quanto à disposição ao autocuidado. Esta tendência também é apontada por Kehl (2016), ao afirmar que desde o início da psicanálise (no final do século XIX) até os dias atuais, as mulheres continuam sendo maioria dentro dos consultórios.

Nessa mesma pesquisa (Silva-Ferreira, 2019), realizada junto à seção de psicologia da universidade, observou-se uma maior demanda dos/as imigrantes universitários/as (independentemente do gênero) nos primeiros anos de graduação, com destaque para o segundo ano, que representou 28,23% dos atendimentos. Todavia, em investigação realizada pelas pesquisadoras Alvarado e Vargas (2018), identificou-se que as imigrantes universitárias e as estudantes brasileiras que entram via sistema de cotas, correspondiam ao grupo de mulheres que menos evadiam da universidade.

Diante do exposto, ao propor este trabalho, buscamos compreender os impactos psicológicos da imigração às mulheres imigrantes universitárias. Para tal, lançamos os seguintes questionamentos: O que as experiências dessas imigrantes apontam enquanto fatores de risco? Como esse impacto é expressado? Como as relações de gênero influenciaram na experiência migratória e educacional destas mulheres? Longe de buscar certezas sobre tais perguntas, nosso intuito foi trazer conteúdos e reflexões que possam subsidiar intervenções psicoterapêuticas e políticas pedagógicas de acolhimento.

MÉTODO

A presente pesquisa configurou-se como de caráter qualitativo, com delineamento descritivo e exploratório. Descritivo a medida em que buscou-se descrever características e manifestações dos impactos psicológicos da migração na perspectiva de imigrantes universitárias; bem como exploratório haja vista os poucos estudos encontrados que se debruçam sobre essa temática (Sampieri et al., 2006). Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um roteiro semiestruturado para a realização das entrevistas. As entrevistas foram norteadas pela construção de uma estrutura temática, porém, dentro de cada tema, imperou certa liberdade para que as entrevistadas discorressem livremente sobre o assunto (Boni & Quaresma, 2005). Os temas norteadores das entrevistas foram: a motivação de estudar no Brasil e na UNILA; expectativas e etapas pré-migratórias; afetos e primeiras experiências na chegada; rede socioafetiva no Brasil; dificuldades após a chegada; rotina; ensino-aprendizagem; diferenças culturais; mudanças subjetivas e na saúde; e, por fim, projetos futuros. Também foi utilizado um formulário sociodemográfico intercultural elaborado com o objetivo de caracterizar o perfil migratório das participantes. Os dados do perfil sociodemográfico subsidiaram a caracterização das participantes e a análise das entrevistas, porém, para evitar a identificação das mesmas alguns dados foram omitidos.

Todas as entrevistas foram individuais, realizadas na UNILA, e gravadas (voz) mediante autorização prévia. Elas ocorreram entre os meses de abril e maio de 2018, e o tempo médio das entrevistas foi de 1h15min. O questionário sociodemográfico foi preenchido pelo pesquisador na sequência das entrevistas e sua aplicação não foi gravada. Seguindo o princípio do descentramento linguístico-cultural de Devereux (1973), foi dada a liberdade às estudantes hispano falantes para se expressar em português e/ou espanhol, sendo que de forma geral estas transitaram entre os dois idiomas, assim como o entrevistador. Já a pesquisa com a participante haitiana foi realizada em português.

Para a seleção das participantes para a entrevista foi utilizada a técnica de “Bola de Neve”, isto é, uma técnica de amostragem não-probabilística que se dá a partir de uma cadeia de referências (Vinuto, 2014). Assim, os primeiros contatos com as participantes foram mediados pelos profissionais da Seção de Psicologia da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e pela rede de estudantes da Universidade. Participaram da pesquisa 07 imigrantes universitárias, com idade entre 19 e 25 anos, de quatro nacionalidades latino-americanas – Colômbia, Haiti, Venezuela, Uruguai -, matriculadas nos seguintes cursos: Letras, Artes e Mediação Cultural; Ciências Biológicas - Ecologia e Biodiversidade; Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento; Engenharia de Energia; e Saúde Coletiva. O número de participantes resultou da análise e conclusão, durante a coleta, de que as entrevistas demonstraram uma repetição de conteúdos trazidos pelas participantes e atendiam os objetivos e o delineamento da pesquisa (Minayo, 2017).

Cabe, também, ressaltar que o projeto de pesquisa que fundamenta este artigo foi aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), conforme o parecer nº 2.562.760. Os Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), assinado pelas participantes, foram apresentados em português, espanhol e crioulo haitiano.

Após a coleta, as entrevistas foram transcritas para um documento Word e tiveram como referência as sugestões de codificação de Manzini (2008) que orientam como transcrever ruídos, silêncios, emoções, cortes no discurso e as perguntas adicionais ou verbalizações de entendimento. Na sequência, foram submetidas à análise de conteúdo para fins qualitativos, que consiste em um conjunto de técnicas de caráter hermenêutico que tem como objetivo a sistematização e exploração dos significados de um documento (Bardin, 2009; Campos, 2004). Dessa maneira, e de acordo com os objetivos da pesquisa, foi criada a categoria Impactos psicológicos da imigração, que está composta por três subcategorias: (1) Experiências de violências e discriminações; (2) Expressões de sofrimento psíquico; e (3) Emancipação feminina na imigração universitária. Para fins de análise, foi utilizado o ar-

cabouço teórico do levantamento bibliográfico, e o diálogo entre a psicanálise, etnopsiquiatria/etnopsicanálise, psicologia social e a psicologia da educação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

EXPERIÊNCIAS DE VIOLÊNCIAS E DISCRIMINAÇÕES

A subcategoria Experiências de violências e discriminações está composta por narrativas de experiências de discriminação e violações de direitos vivenciadas pelas imigrantes, especialmente após a chegada ao Brasil. Nesse sentido, é importante destacar que as características culturais do país/instituição de acolhida na sua relação às diferenças culturais das imigrantes, são determinantes no processo de acolhimento e integração destas à nova sociedade/universidade. Como poderá ser observado nas narrativas, as discriminações que ocorreram, se diferiam conforme o ambiente (fora e dentro da universidade) e fazem parte de estruturas sociais de relações de poder e de reprodução de desigualdades.

Na fala da imigrante P6 Venezuelana, que migrou forçadamente devido à crise humanitária vivenciada em seu país de origem, destaca-se a vulnerabilidade social reproduzida no Brasil mediante a exploração do trabalho e o desrespeito às leis trabalhistas que protegem todas as pessoas em território nacional. Ressalta-se que tal situação laboral extremamente precarizada camuflam situações de exploração do trabalho que beiram situações análogas à escravidão (Carneiro, 2017). No presente caso a imigrante foi sujeita a jornadas de 14 horas diárias e recebendo menos de um salário-mínimo, o que hipoteticamente estava representado pelos “descontos” da própria alimentação e estadia no local de trabalho.

Desta mesma forma, podemos refletir sobre a intensificação de um ciclo de violências e experiências traumáticas que as refugiadas estão sujeitas a vivenciar decorrentes da saída forçada de seus países de origem. No presente caso, destaca-se, ainda, toda a dimensão simbólica de uma violência laboral: cozinhar era a função de uma imigrante que saiu de seu país de origem devido a fome, nas palavras de P6:

“Eu trabalhava das 08 da manhã até as 10 da noite, reunindo dinheiro para trazer a minha mãe. [Trabalhava em quê?] Trabalhei...em São Paulo; só trabalhei em cozinha, trabalhava em uma indústria têxtil e eu cozinhalva para 28 pessoas. Café da manhã, almoço e janta, o dia todo, de segunda a sábado.” (grifo nosso).

A fala da participante ressalta a vulnerabilidade e a ausência de proteção do Estado pelo qual muitas vezes a/o imigrante se depara ao chegar em um novo país. Todavia, é importante ressaltar a interseccionalidade entre gênero, raça, nacionalidade e condições migratórias reforçam interações de poder de-

siguais que impactam nas trajetórias de mulheres imigrantes (Assis, 2017; Collins & Bilge, 2021). No caso de refugiadas, destaca-se o oportunismo de uma organização social/laboral que se alimenta da vulnerabilidade destas pessoas para nutrir uma cadeia de produção cujo imperativo do lucro produz sobretudo desumanidade e violação de direitos humanos.

Já a P7, natural do Haiti, ressalta outro ponto que emerge na cadeia interseccional de relações de poder que fazem parte de nossa sociedade. O racismo estrutural brasileiro, ou seja, estrutura social que se organiza, por meio de práticas históricas, culturais, institucionais e interpessoais, privilegiando brancos em detrimento a outros grupos raciais, agride a autoestima de homens e mulheres negros e indígenas (Almeida, 2019). Assim como tem relação significativa com a xenofobia, denotando o *status* de “indesejáveis” a certos grupos de imigrantes.

(...) o mundo não era o que eu esperava. Porque eu descobri a coisa mais difícil... que eu era negra! Eu não sabia disso. Eu não sabia, eu fiquei sabendo quando eu cheguei aqui na UNILA, em Foz, desde o primeiro dia eu percebi isso. (...) E na realidade eu não gosto de passear na rua. Por causa dessa coisa de racismo, eu não estou conseguindo lidar com ela. Então eu fico aqui, estudando, esperando até o fim, quando eu me formar, para então voltar pra casa para respirar. (P7, Haitiana, grifo nosso).

Outro ponto que se destaca na fala da participante é a narrativa de desproteção propiciada pelo afastamento da cultura do seu país de origem. A participante em questão explicita que sua cor de pele não era um elemento de discriminação e diferenciação em sua cultura e que, ao entrar em contato com a diferença cultural e o racismo estrutural brasileiro, teve exaltada esta característica para fins de inferiorização social. Como visto, tal violência atua diretamente nas sensações de “não-lugar” e de asfixia existencial, promovidas por uma sociedade onde a mulher negra está cotidianamente em conflito para estar e ser reconhecida em lugares e posições de poder atribuídas historicamente a outros grupos sociais (Almeida, 2019; Francisco, 2019; Ribeiro, 2016). Com respeito à frase, “...voltar pra casa para respirar”, esta desvela não apenas um sentimento individual, mas também um grito coletivo análogo ao de George Floyd “*Eu não consigo respirar!*”, que ecoou sobre as estruturas racistas das sociedades ocidentais em 2020.

Já as narrativas abaixo apresentam violências dentro do espaço universitário. A fala de P2, expressa a percepção de se sentir discriminada por uma série de características que diminuem, a priori, suas chances de estar em lugar de destaque acadêmico. Vale ressaltar, assim como aparece na fala da P5, ambas estavam matriculadas em cursos hegemonicamente cursados por homens (Engenharia de Energia e Economia).

Eu sinto que me discriminam, como... são coisas que não pode dizer... pode ser porque estou mal da cabeça,

por ser por... porque sou índia, porque sou mulher, e estou segura que em nenhuma entrevista para projeto vão me selecionar (P2, Colombiana, grifo nosso).

Também no meu curso é uma carreira de praticamente homens, e quase todos os professores são homens, creio que tenho 16 professores e 13 são homens e então em geral só tenho aulas com homens, em uma sala cheia de homens. Faz pouco tempo que me dei conta que isso se torna algo... naquele espaço de sala de aula, como um espaço de resistência, porque é cheio de chistes de homens, a interação é entre eles! (P5, Uruguaia, grifo nosso).

Conforme se destaca na fala das participantes, as carreiras acadêmicas ainda refletem os valores sociais de certa divisão sexual do trabalho. Mesmo diante dos questionamentos contemporâneos acerca das “profissões de mulheres e de homens”, ainda existem obstáculos que as mulheres enfrentam para se firmar nestes novos espaços. Como destacado pela P5, este é um “espaço de resistência” que, como trazido por P2, implica em perceber-se como *outsider*, ou seja, “acadêmica não ideal” para estar nas posições de destaque em cursos hegemonicamente masculinos. Nesse sentido, a falta de uma pedagogia que possa estar atenta às diferenças de gênero pode levar o ambiente de sala de aula a ser um ambiente reprodutor de desigualdades e violências, onde os “privilégios” dos marcadores sociais organizam as estruturas de saber-poder (Alvaredo & Vargas, 2018; Souza & Schiavini, 2019).

Segundo Arango-Gaviria (2006), os obstáculos para estar em espaços tradicionalmente masculinizados se diferem de forma geral com relação às mulheres brancas e de renda econômica mais elevada e as mulheres indígenas, negras e economicamente vulneráveis, visto que além de romper com a barreira do gênero, estas últimas terão que romper com as barreiras econômicas e raciais. Da mesma forma, evidencia-se como as concepções envolvendo nacionalidade, fenótipo e gênero, por exemplo, determinam um imaginário de figuras de saber, visto que a Ciência ocidental, historicamente, foi construída sobre estruturas de poder e privilégio que ou inviabilizaram o acesso das minorias à produção científica ou as ocultaram ao longo da história.

Nesse sentido, também se questiona como os impactos das “violências estruturais” são ocultados da consciência pela não compreensão dos códigos culturais. Essas violências seriam formadas por micro agressões que não são conscientemente reconhecidas como do campo da violência, tanto pela vítima, quanto por quem agride. Segundo Chauí (1984), seria uma forma de “violência perfeita” por estar inserida nos códigos de validação social. No caso das imigrantes, podem ser agravadas e de difícil reconhecimento por elas devido ainda estarem em processo de deciframento da nova cultura.

Por fim, na fala da P5, destacou-se as violências sexuais nos espaços de convivência da universidade, reiterando como a violência mediante o abuso do corpo da mulher é uma das principais expressões do patriarcado na sua concepção de objetificação do corpo feminino. A participante destaca a fragilidade da mulher imigrante que, ao estar em um processo de adaptação à nova cultura e instituição, se sente desorientada no momento de procurar ajuda. Não obstante, este sentimento não é exclusivo da mulher imigrante, mas pode ser agravado neste grupo devido a “desorientação cultural, linguística e institucional” inicialmente provocada pela imigração. Destaca-se, ainda, a importância dos canais de acolhimento da universidade para as situações de violência de gênero:

Eu vivi um ano na moradia e lá sofri um monte! (...) Tiveram que colocar câmeras nos elevadores porque lhe tocavam na bunda nos elevadores. Havia situações de muita violência, e a universidade sabia que havia situações de violência de forma reiterada e repetida, e a universidade estava completamente ausente. (...) Por exemplo, agora se me acontecesse algo, eu faria um escândalo, porque sei a quem recorrer, entendes? Mas você imagina uma recém-chegada em 2015? Um monte de órgãos como a comissão de igualdade de gênero não existia, entendes?! (P5, Uruguaia, grifo nosso).

EXPRESSÕES DE SOFRIMENTO PSÍQUICO

A subcategoria *Expressões de sofrimento psíquico* refere-se aos sintomas e alterações psicológicas apontados pelas participantes após a experiência migratória, bem como fatores que podem estar relacionados a essas manifestações. Ao olhar para a dimensão psíquica dos e das imigrantes a partir do afastamento dos referenciais culturais que os/as constituem, o processo migratório pode desencadear um estado de vulnerabilidade psíquica, por ruptura dessa “pele cultural” que contém o sujeito (Martins-Borges & Pocreau, 2009). Contudo, é fundamental pontuar que os impactos psicológicos nos/nas imigrantes são fruto não apenas de condições anteriores ao processo migratório, mas também de todo o impacto da mudança de cultura, que pode implicar na perda de coerência e continuidade de si, bem como a exposição cotidiana às diversas formas de discriminação (Martins-Borges, 2013). A fala de P6, venezuelana, evidencia essa confusão/falta de sentido (non sense) desencadeada pela migração:

Então eu, aqui quando estava em Foz, quando cheguei em Foz e isso aconteceu eu não me reconhecia, [Não se reconhecia?] Sim, não me reconhecia, estava assim me perguntava, quem sou eu? Pra que estou aqui? Se não tem ninguém, estou sozinha, vou ficar sozinha a vida toda? Isso e um monte de coisas ilógicas passavam na minha cabeça. (P6, Venezuelana, grifo nosso)

Estudos apontam que ao chegar ao país de acolhimento, a/o imigrante confronta-se ainda com barreiras comunicacionais, ausência da família e pessoas significativas, precariedade das condições de moradia e de trabalho, desconhecimento sobre direitos e serviços existentes no país de acolhimento, exposição à violência e discriminação, barreiras envolvendo a documentação e o *status* migratório, diferenças culturais, entre outros, que trazem ainda mais desafios à adaptação (Martins-Borges, 2013; Pussetti, 2009; Silva-Ferreira, 2019). Entre as manifestações de sofrimento, podem apresentar conflitos com a cultura local, isolamento social, sentimento de não pertencimento, sintomas de ansiedade, manifestações depressivas, queixas somáticas, hipocondríacas, passagens ao ato agressivas (Girardi & Martins-Borges, 2017). Dentre as manifestações observadas nas estudantes universitárias, foi constatada a presença de estados depressivos, ansiosos e somatização, como pode ser exemplificado:

[Algo mudou?] Tudo, tudo, eu era bonita (risos). Eu cheguei e sim, eu cheguei e comecei a engordar muito, também, depois começou a ansiedade, a me ver depressiva, comecei a comer e perder o controle. Como que tenho fome, mas começava um desespero e passava a comer sem controle. Engordei muitíssimo, e sofro com isso, subo de peso e depois abaixo o peso, porque começo a me cuidar e fiquei ansiosa, este princípio de semestre eu estava um pouco mais magra e depois engordo e sempre assim, me falta equilíbrio para fazer exercícios. (P1, Colombiana, grifo nosso)

(...) na verdade pela minha depressão está muito muito difícil, muito duro. Por estar longe de minha família, pela discriminação, pelo idioma, pelas questões financeiras, porque não tenho trabalho, é muito mais duro! (P2, Colombiana grifo nosso).

Contudo, ao apontar sintomas de sofrimento psíquico apresentados pelas estudantes, enfatiza-se a indissociabilidade de considerar os processos sociopolíticos que se relacionam a este sofrimento (Pussetti, 2009; Rosa, 2016; Martins-Borges, 2013). Tal cuidado busca ir na contramão de uma individualização do sofrimento que gera, por exemplo, uma progressiva medicalização e patologização da experiência migratória, sem intervir nas suas condições sociopolíticas. Ainda, tem o intuito de potencializar as possibilidades de enfrentamento, sobretudo mediante ações coletivas frente à desigualdade, com a responsabilização do Estado na promoção e garantia de direitos aos/as migrantes, assim como fortalecer as políticas de acolhimento universitárias (Silva-Ferreira, 2019).

Tal relação é feita pelas participantes da pesquisa, que apontam os desafios do processo migratório mediado por violências estruturais, sofrimento psíquico e ainda as próprias condições migratórias dentro de cada história de vida. Com relação ao último aspecto e como pode ser observado na narrativa da P4, havia um estranhamento em relação ao transbor-

damento das emoções, mas também havia o desafio de se adaptar à conjugalidade neste novo contexto e à distância da rede socioafetiva. Isso não é um detalhe quando pensamos que os impactos migratórios exigirão não apenas uma adaptação individual, mas também uma reorganização da própria relação afetiva e dos papéis de esposo e esposa na nova cultura.

Nunca tinha passado por um descontrole mental, jamais em minha vida, e aqui eu passei [Me fale um pouco mais...] Realmente de uns quatro meses para cá, não tenho conseguido controlar as emoções, me sinto muito triste, muito triste, me sinto muito sozinha... toda esta semana passei chorando, chorando, que não controlava... desde quando acordava chorava, mas não entendia o por que, é horrível... E tenho perdido os ânimos, tenho tido problemas com meu esposo, sobre coisas tontas da adaptação com esposo, mas que tem me afetado demais! (P4, Colombiana, grifo nosso)

Em relação à feminização das migrações, discute-se, também, a experiência e os conflitos decorrentes da maternidade transnacional (Pedone, 2017). Como podemos observar na narrativa da participante do Haiti (P7), que ao migrar para o Brasil, separou-se de sua filha:

Porque eu tenho que cuidar dos meus estudos para não fazer besteira. Eu deixei uma filha sem pai no país, e agora tem que ter cuidado para não engravidar de novo. Então, eu fiquei sem nada, eu estou sem nada. Eu saí com isso tudo e estou sozinha no mundo ((risos)). (P7, Haitiana, grifo nosso)

Ao migrar e deixar os filhos no país, a família (rede de apoio) pode revelar-se como um espaço de conflito e/ou negociação/suporte, e assim traçar acordos e restrições de como deve ser a postura da imigrante no novo contexto (Pedone, 2017). Como podemos observar na narrativa de P7, a experiência de ter deixado sua filha muito pequena no país revela um custo emocional que perpassa a própria história de abandono paterno e as relações familiares. Esta experiência fez ressurgir sentimentos de culpa, medo, solidão e de endividamento simbólico com a família. Em tal narrativa, se destaca ainda a expressão de um sentimento de carga emocional "(...) eu saí com isso tudo", e vazio, figurado pela narrativa "(...) eu fiquei sem nada, eu estou sem nada".

Outro ponto de destaque, foi como o corpo, a baixa autoestima e o investimento em si relacionaram-se com a expressão de sofrimento psíquico das estudantes:

Sim, eu sofro do estômago e de estresse e isso tem piorado muito. Mais que tudo isso as questões psicológicas de tipo somáticos, somaticamente por que eu, não posso dizer que tão grave estou, por ter ocultado tanto meus sentimentos. (P2, Colombiana, grifo nosso)

Não tenho, não tenho motivo pra isso. Na verdade, eu não estou cuidando de mim, desde que eu estou no Brasil, eu

desisti de mim. É, joguei a beleza fora ((risos))! (...) e tem roupas que eu não uso, roupas que eu trouxe do Haiti que eu não uso, nunca usei [Por que você não usa?]. Porque no Haiti, sei lá... Não quero chamar a atenção, quero ficar invisível! (P7, Haitiana, grifo nosso)

Sobre esta relação entre imigração, sintoma e corpo destaca-se na fala da P2 um processo de somatização em que a própria participante tem consciência da dificuldade de expressar seus sentimentos. Nesse sentido, vale a pena indagar sobre as dificuldades de expressão desses sentimentos em uma outra cultura, com outra língua e com outros códigos culturais. Portanto, apresenta-se a hipótese de somatização ser uma forma comum de expressão de mal-estar de imigrantes universitárias devido aos prejuízos não apenas na comunicação em língua materna, mas também devido à mudança na lógica dos significados culturais (Girardi & Martins-Borges, 2017; Silva-Ferreira, 2019).

Além disso, Freud (1933/2018), no texto “A feminilidade”, fala em uma tendência passiva observada na expressão da feminilidade, que é, sobretudo, imposta socialmente às mulheres a partir da diferenciação corporal, o que leva, segundo o autor, a uma repressão da agressividade e um direcionamento de pulsões destrutivas a si própria (Freud, 1933/2018; Kehl, 2016). Tal reflexão leva a pensar a somatização como uma expressão de um conflito psíquico que encontra, no corpo, um lugar social (possível) para comunicação do sofrimento, já dificultado às imigrantes universitárias pela troca de ambiente cultural e língua materna.

Por sua vez, podemos observar na fala da P7, uma ausência de autocuidado e desinvestimento libidinal do Eu que se expressa por uma invisibilização da própria identidade cultural: “(...) roupas que eu trouxe no Haiti que eu não uso, nunca usei” e uma fuga do olhar do outro representado por uma alteridade hostil “(...) quero ficar invisível!”. Por outro lado, tal impacto na autoimagem da imigrante traz também outra questão relevante, que é a construção histórico-cultural de uma feminilidade associada à beleza. Como identificado nas falas de P1 “(...) eu era bonita! ((risos))”, e na da P7 “(...) eu desisti de mim. É, joguei a beleza fora ((risos))”, a “perda da beleza” acompanhada por um riso passou a simbolizar um indicativo de expressão de mal-estar que envolvia tanto a perda de investimento em si, quanto um conflito narcísico envolvendo a autoimagem e o ideal de Eu inscrito pela cultura.

EMANCIPAÇÃO FEMININA NA IMIGRAÇÃO UNIVERSITÁRIA

A última subcategoria Emancipação feminina na imigração universitária, se refere às narrativas das participantes que apontam como o processo migratório e educacional auxiliou no desenvolvimento de novas formas de lidar com as próprias decisões, responsabilidades e dificuldades, promovendo, também, autoestima e redirecionamento da libido. Se por um lado,

os afastamentos dos referenciais culturais podem gerar um estado de vulnerabilidade psíquica, por outro lado, também podem gerar questionamentos de valores e formas de “ser mulher”, devido ao contato com outra cultura e com o ambiente crítico e plural da universidade. Sendo assim, a experiência pode desencadear a possibilidade do que Kehl (2016) vai chamar de deslocamentos do feminino, ou seja, de construção de novos destinos da libido, historicamente concentrados às mulheres no amor conjugal e na maternidade.

E eu digo que a experiência de estudar no Brasil te possibilita fazer coisas que não faria lá e abrir a mente. Os horizontes crescem muito. E isso tem sido muito importante para mim! (P1, Colombiana, grifo nosso)

Ah por exemplo, lá na Venezuela tem um conceito de beleza muito diferente do que tem aqui no Brasil, lá na Venezuela é uma mulher muito magra, eh é diferente, é de outro jeito, entende?! (Humrum) Aqui não, aqui tem mais liberdade, tem, é aqui minha auto-estima como pessoa subiu. (P6, Venezuelana, grifo nosso)

Ahhh nossa, muito, muito, amadureci, agora quando vim de lá pra cá, eu acho que ainda era uma adolescente, eu trabalhava e tudo, era uma pessoa responsável, mas isso aqui o fato de migrar(...) Eu tinha, por exemplo, medo de ser mãe, não queria ter filhos, tinha medo de ser mãe, mas agora eu adoraria ser mãe, porque eu acho que já estou preparada. Isso... amadurecer! (P6, Venezuelana, grifo nosso)

É importante apontar que a saída das imigrantes universitárias foi cercada por medo, ambivalência, enfrentamentos e negociações com a família que, de forma geral, compreendiam este movimento migratório como atípico dentro das dinâmicas familiares. Tais movimentos familiares “protetivos” também foram identificados na pesquisa de Francisco (2019) e refletem tanto vulnerabilidades concretas que decorrem das características do lugar de acolhida, como vimos na primeira categoria; mas também fazem parte de um imaginário social de “fragilidade e dependência” da mulher em comparação aos homens.

Todavia, para além das dificuldades enfrentadas, destaca-se nas falas das participantes que a imigração também possibilitou experiências de deslocamento perceptivo e subjetivo em relação a si mesmas e ao mundo cultural no qual viviam. Na fala de P1 emerge a liberdade em relação às suas ações e à expansão dos próprios horizontes, ou seja, a imigração, a interculturalidade e a experiência universitária potencializaram a quebra dos limites impostos em seu próprio meio social e familiar. Neste mesmo sentido, P6 expressa a sensação de ter saído da adolescência e entrado na idade adulta, além de ter compreendido como os ideais culturais hegemônicos em torno do corpo da mulher em seu país de origem, impactavam negativamente na sua autoestima.

Não obstante, o ambiente plural, crítico e intercultural que encontraram na UNILA após a imigração, possibilitou um outro olhar em relação a si mesmas e ao mundo. Para P6, a experiência de refúgio e a inserção no espaço acadêmico em um outro país permitiu uma mudança tanto na sua autoimagem como na forma como observava sua cultura. Nesse sentido, considera-se oportuna a afirmação de Devereux (1973) sobre a função ambivalente da cultura. Segundo o autor, esta oferece tanto os elementos protetivos do grupo social, como também repressão e controle para com os seus integrantes. Desta forma, o contato intercultural permite novas percepções sobre si, sobre as referências culturais e a criação de novas possibilidades.

Por fim, destaca-se na fala da P5 o impacto da imigração e da experiência educacional intercultural no desenvolvimento de um processo de emancipação e um novo posicionamento subjetivo em relação aos próprios desejos e responsabilidades. Evidencia-se como os tabus culturais sobre a sexualidade reprimem a própria identificação dos desejos e como a imigração universitária favoreceu o rompimento de fronteiras internas e externas. Segundo Assis (2017), e conforme observado na presente pesquisa, existe estreita relação entre processos emancipatórios e a fuga de ambientes com poucas oportunidades, vínculos de dependência e repressão identitária:

(...) a UNILA me proporcionou de me aceitar, tanto na sexualidade, visto que eu teria demorado muito mais tempo para assumir, aceitar e falar para as pessoas, tudo isso porque... e a distância te ajuda a lidar com a culpa de alguma forma; e aceitar o que se é, parar de responsabilizar as pessoas, creio que isso facilita muita coisa (P5, Uruguia, grifo nosso)

Em primeiro lugar a experiência emancipatória que isso seguramente, que isso seguramente me fez deixar de lado um monte de coisas, e isso seguramente te emancipa te deixa livre de um monte de coisas que lhe são impostas, e te dá a oportunidade de viver como você quer viver, porque pela primeira vez na minha vida fui dona de mim mesma. E quando eu vim para cá, pelo menos para mim, o que aconteceu foi que eu rompi este vínculo de dependência, e isso foi de grande crescimento. (P5, Uruguia, grifo nosso)

Como evidenciado por P5 ao dizer que “pela primeira vez fui dona de mim mesma”, as amarras culturais podem ser obstáculos à emancipação e independência da mulher, mas também podem ser impulsionadoras para a busca de liberdade e autonomia via caminho da migração para fins educacionais. A migração universitária e suas interfaces permitiram um olhar para si mesma e sua cultura que perpassou uma dinâmica de estranhamento de si e da alteridade, mas também possibilitou o (re)conhecimento de seus próprios desejos. Nesse sentido, observa-se que as próprias experiências estressoras da migração em dialética com os fatores protetivos do ambiente po-

dem possibilitar a construção de uma subjetividade feminina resiliente, autônoma e responsável pelo próprio desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou, por meio da análise de narrativas, compreender os impactos psicológicos da imigração às mulheres imigrantes universitárias. Para tal, foi necessário compreender os processos históricos de invisibilização das mulheres no registro dos movimentos migratórios e como as categorias raça, etnia, nacionalidade, cultura, classe social e gênero se interseccionavam em histórias plurais. Assim, ao utilizar “as mulheres” (no plural) buscamos também demarcar a dificuldade de universalizar as mulheres imigrantes.

Não obstante, as contingências e motivações que as levaram a migrar e cursar o ensino superior em outro país, também constituíram marcadores importantes nos fatores de risco e proteção que se relacionam aos impactos psicológicos às estudantes. De acordo com a análise, identificamos as seguintes variáveis: migração voluntária ou involuntária; ter sido junto com familiares ou companheiros; o apoio familiar recebido; as condições de ensino no país de origem; e o conhecimento prévio sobre a UNILA que, por sua vez, desenharam desafios distintos a serem enfrentados.

Para além de nossa pergunta central, lançamos outras indagações que nos auxiliassem nesse percurso. A primeira delas se refere ao que a experiência das mulheres imigrantes aponta, sobretudo em relação aos fatores de risco. A respeito desta questão, observou-se as discriminações relacionadas ao espaço masculinizado que algumas profissões (e consequentemente, os seus cursos universitários) ainda sustentam, situações de assédio físico e a intensificação da precarização do trabalho vivenciada por mulheres imigrantes.

Em relação à expressão do sofrimento psíquico, foi perceptível a relação entre sintoma, corpo e cultura, para além dos estados depressivos, de ansiedade e de somatização. Observou-se como estruturas sociais de poder e privilégio agredem a constituição identitária das imigrantes universitárias e provocam o sofrimento psíquico. A partir desse prisma, destacam-se os impactos relacionados à mudança de cultura e perda da pele cultural, associada a violências e discriminações, sobretudo o racismo estrutural brasileiro. Destaca-se, também, a experiência de maternidade transnacional e seus desafios.

Em contrapartida, identificamos a influência do ambiente acadêmico-cultural no qual elegeram estar como fator positivo da experiência migratória dessas mulheres universitárias. Aponta-se como um ambiente tão diferenciado como o da UNILA, mediante seus princípios de inclusão, diversidade, decolonialidade e criticidade sobre a própria identidade latino-americana de mulheres e homens das mais diversas

nacionalidades e grupos, pode ter impactado positivamente ao construir um ambiente intensamente intercultural. Ao indicar a singularidade do contexto de pesquisa e a escassez de investigações na América Latina que abordem a saúde mental de imigrantes universitárias, sugerimos novos estudos que possam investigar o impacto da migração às mulheres em outros contextos universitários.

Considera-se como uma das principais limitações do estudo, o fato da entrevista realizada com a P7, haitiana, ter sido realizada em português, o que potencialmente pode ter afetado a possibilidade da participante de expressar-se verbalmente. Tal dificuldade não foi percebida nas entrevistas com as demais participantes hispano-falantes, que puderam transitar entre as duas línguas, o que se aproxima da própria experiência linguística delas na UNILA. Evidencia-se, com isso, a importância do descentramento cultural como forma de garantir a possibilidade de expressão das participantes imigrantes, sobretudo na sua língua materna.

Por fim, salientamos a relevância de políticas de equidade de gênero assim como a que está em implantação na UNILA¹ como forma de equilibrar diferenças históricas no campo pedagógico e de saber/poder que impactam direta e indiretamente na vida de mulheres nacionais e imigrantes dentro do espaço universitário. Reforçamos, ainda, que longe de apontar certezas sobre as indagações levantadas neste trabalho, é importante deixar claro que ele teve como intuito trazer reflexões que possam ser pertinentes tanto nos espaços de escuta e acolhimento psicológico dentro das universidades, quanto para se pensar políticas institucionais que possam ser sensíveis às demandas e experiências das imigrantes universitárias.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

A.V.F.S e V.N.N contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do artigo; A.V.F.S. foi responsável pela coleta dos dados; A.V.F.S. e V.N.N. fizeram a redação inicial do artigo (rascunho); e L.M.B foi responsável pela orientação da pesquisa e revisão final do artigo.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem, primeiramente, as participantes da pesquisa que a tornaram possível. Estende os agradecimentos aos colegas do Núcleo de Pesquisa sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC) pelas trocas e discussões durante a construção da pesquisa, especialmente, a pesquisadora Jú-

lia de Andrade Ew pelo auxílio nas traduções das entrevistas.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) mediante licença remunerada ao primeiro autor, e parcialmente pela bolsa de mestrado da segunda autora (CAPES-DS).

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

No texto do manuscrito suprimimos as informações envolvendo a Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi realizada a pesquisa, bem como a pesquisa de mestrado que deu origem ao artigo, para garantir o anonimato dos autores. Pedimos que essa informação seja incorporada ao texto na ocasião da sua diagramação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar-Rodrigues, R. de, & Strey, M. N. (2010). Orquestrando vozes de gênero de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as. *Psico*, 41(1), 47-56.
- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. Pólen.
- Arango-Gaviria, L. G. (2006). *Jóvenes en la universidad: género, clase e identidad profesional*. Siglo del Hombre Editores; Universidad Nacional de Colombia.
- Assis, G. O. (2017). Gênero. In L. Cavalcanti, T. Botega, T. Tonhati, & D. Araújo (Orgs.), *Dicionário crítico de migrações internacionais* (pp. 347-350). Editora UnB. <https://doi.org/10.7476/9788523013400>
- Alvarado, A. S., & Vargas, J. N. (2018). *Mujeres en la universidad pública en Brasil-Caso UNILA: Acceso y permanencia de las estudiantes desde una perspectiva de género y latinoamericanista* (Relatório N° 6). Instituto de Estudos Avançados. <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/4875>
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Em Tese*, 2(1), 68-80.
- Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: Uma ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-614. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>
- Carneiro, C. S. (2017). Migrações Internacionais e precarização do trabalho: o contexto global, os acordos de residência do Mercosul e os imigrantes sul-americanos no Brasil. *Argumenta Journal Law*, 1(26), 337-376.

- Chauí, M. (1984). Participando do debate sobre mulher e violência. In R. Cardoso, M. Chauí, & M. C. Paoli (Orgs.), *Perspectivas antropológicas da mulher* (4ª ed., pp. 25-62). Zahar.
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial.
- Devereux, G. (1973). *Ensayos de Etnopsiquiatria General*. Barral Editores.
- Dutra, D. (2017). Feminização das migrações. In L. Cavalcanti, T. Botega, T. Tonhati, & D. Araújo (Orgs.), *Dicionário crítico de migrações internacionais* (pp. 325-327). Editora UnB.
- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. (2019). *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES - 2018*. <http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/wp-content/uploads/2019/06/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%82mico-dos-Estudantes-de-Graduac%C3%A7%C3%A3o-das-U.pdf>
- Francisco, C. E. (2019). *Trajetórias em Diáspora: a experiência de universitárias haitianas em Belo Horizonte* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/33021>
- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. 21, pp. 73-152). Imago. (Originalmente publicado em 1930).
- Freud, S. (2018). A feminilidade. In G. Iannini (Ed.), *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade e feminilidade* (M. R. S. Moraes, Trad., pp. 313-345). Autêntica Editora. (Obra originalmente publicada em 1933).
- Girardi, J. de F., & Martins-Borges, L. (2017). Dimensões do sofrimento psíquico em estudantes universitários estrangeiros. *Psico*, 48(4), 256-263. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.4.26143>
- González-Barea, E. M. (2008). Un proceso migratorio estudiantil: jóvenes marroquíes en la Universidad de Granada. *Revista Electronica de Investigacion Educativa*, 10(2), 1-13. <http://redie.uabc.mx/vol10no2/contenido-gonzalezbarea.html>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. (2018). *Censo da Educação Superior 2018*. <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem pela modernidade* (2ª ed.). Boitempo.
- Leiva-Olivencia, J. J. (2014). La interculturalidad en el contexto universitario a través de las voces de estudiantes inmigrantes. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 17(2), 155-166. <https://doi.org/10.6018/reifop.17.2.197171>
- Manzini, E. J. (2008). *Considerações sobre a transcrição de entrevistas*. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. http://transcricoes.com.br/wp-content/uploads/2014/03/texto_orientacao_transcricao_entrevista.pdf
- Martins-Borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21(40), 151-162. <https://doi.org/10.1590/S1980-85852013000100009>
- Martins-Borges, L., Boeira-Lodetti, M., Jibrin, M., & Pocreau, J. B. (2019). Inflexões epistemológicas: a Etnopsiquiatria. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31, 249-255. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29001
- Martins-Borges, L., & Pocreau, J. B. (2009). Reconhecer a diferença: o desafio da etnopsiquiatria. *Psicologia em Revista*, 15(1), 232-245. <https://doi.org/10.5752/627>
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12.
- Ministério da Educação. (2010). *Universidade da Integração divulga lista dos aprovados*. Portal do MEC. <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33691>
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26(2), 186-192. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140017>
- Nathan, T. (1994). *L'influence qui guérit*. Odile Jacob.
- Waldman, T. C. (2019). *Uma introdução às migrações internacionais no Brasil contemporâneo*. Defensoria Pública da União; Escola Nacional de Administração Pública.
- Pedone, C. (2017). Maternidades Transnacionais. In L. Cavalcanti, T. Botega, T. Tonhati, & D. Araújo (Orgs.), *Dicionário crítico de migrações internacionais* (pp. 439-443). Editora UnB.
- Pussetti, C. (2009). Corpos em trânsito e sofrimento psíquico. In C. Pussetti (Coord.), *Migrantes e saúde mental: a construção da competência cultural* (pp. 29-40). ACIDI.
- Ribeiro, D. (2016). Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *Revista Internacional de Direitos Humanos*, 13(24), 99-104.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Editora Escuta; FAPESP.
- Sampieri, R. H., Fernández-Collado, C., & Lucio, P. B. (2006). *Metodología de la Investigación* (4ª ed.). McGrall-Hill.
- Silva-Ferreira, A. V. (2019). *Imigração e saúde mental: Narrativas de estudantes latino-americanos em uma universidade intercultural*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198992>

- Silva-Ferreira, A.V., Martins-Borges, L., & Willecke, T. G. (2019). Internacionalização do ensino superior e os impactos da imigração na saúde mental de estudantes internacionais. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 24(3), 594-614. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000300003>
- Schiavini, K., & Souza, A. M. (2019). As experiências diaspóricas de mulheres haitianas na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. *Revista Extraprensa*, 12(2), 48-67. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.157671>
- Universidade Federal da Integração Latino-Americana. (2020). *Resolução Consun 18/2017: Política de equidade de Gênero da UNILA*. <https://portal.unila.edu.br/reitoria/ceeged/legislacao>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Data da Submissão: 29/10/20
Primeira decisão editorial: 25/08/21
Aceite: 15/02/22